

Diversão & Arte

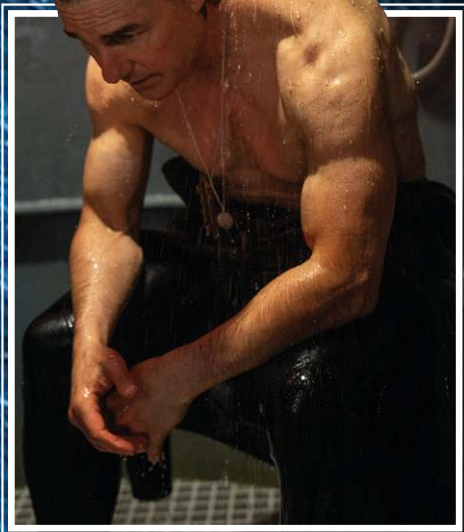
» RICARDO DAEHN

"O antideus pensa que é Deus", destaca um dos personagens do mais recente sucesso capaz de emendar o potencial inabalável da porção ator e produtor ostentada por Tom Cruise. *Missão: Impossível — O acerto final* chega aos cinemas com um personagem que encerra conceitos de inteligência artificial ilimitada — daí a associação direta a "um antideus". Um mundo escravizado ou completamente destruído ameaça ser cantado na trama comandada pelo diretor Christopher McQuarrie, que volta ao quarto filme da saga (totalizada em oito filmes). Ao estimado custo de US\$ 350 milhões, considerado um dos mais caros já feitos, o novo *Missão: Impossível* coroa a dedicação por quase 35 anos do agente Ethan Hunte para a chamada IMF (Impossible Missions Force).

Acuado pela atividade de uma "entidade digital", fator de paranoia em escala mundial, Ethan "que nunca decepcionou", dá sequência a fatos do filme anterior, apresentado há dois anos. O mesmo roteirista Erik Jendresen segue com McQuarrie na lida com a história mirabolante que envolve aviões, as misteriosas coordenadas de localização do submarino russo Sevastopol e um esconderijo na Ilha de São Mateus (delimitada pelo Mar de Bering). Costurando toda a chacoalhada no cenário global (que pode ocasionar a Terceira Guerra), Ethan se vê como joguete de manobras físicas e psicológicas.

Em recente entrevista ao *The Hollywood Reporter*, Tom Cruise agradeceu à excepcionalidade da vida, em que houve "diversos níveis de recompensa", advindos das equipes com as quais colaborou e ainda às "culturas" nas quais se mesclou. Ele celebrou tudo o que

ENQUANTO **TOM CRUISE** INVESTE NAS EXTRAVAGÂNCIAS DE AÇÃO, NO ÚLTIMO FILME DA SAGÁ **MISSÃO: IMPOSSÍVEL**, A ESTRELA DO ROCK NACIONAL **RITA LEE**, MORTA EM 2023, RECONTA A TRAJETÓRIA DE BRILHO NO DOCUMENTÁRIO **RITAS**



Antônio Ulmas/Paramount

aprendeu "e continua a aprender sobre narrativa, sobre a vida, sobre liderança, sobre personagens e sobre todos os aspectos da produção em cinema".

Desde 2015, sob o comando de Christopher McQuarrie, a saga dos agentes especiais condenados "a viver e morrer nas sombras", já gerou, de lucro, mais de US\$ 2 bilhões. Considerado um ponto baixo de bilheteria, o terceiro exemplar, o menos rentável, faturou US\$ 400 milhões. Não por acaso, Cruise — que já destacou que *M:I 8* é o definitivo, "e, não à toa, chamado de acerto final" — aproveitou a divulgação do longa para chegar centenário, "fazendo filmes".

Com ampla ajuda da equipe, que inclui Grace (Hayley Atwell), Luthier (Ving Rhames), Degas (Greg Tarzan Davis) e Benji (Simon Pegg) —, Ethan investirá todas as forças para deter os impulsos do inescrupuloso Gabriel (Esai Morales), que tem à mão complexos dispositivos, indiretamente ligados ao controle sobre empreendimentos nucleares globais. Para Ethan Hunt, a presidenta Erika Sloane (Angela Bassett) assegura a custódia de porta-aviões cujo investimentos chegam à cifra dos de US\$ 6,5 bilhões.

Uma arca com todo conhecimento do mundo corre risco no enredo do novo filme, em que personagens trazem blefes, lidam com dentes postiços (com armas letais) e manejam a temporária mudança de liderança, quando Benji assume protagonismo. Aos milhões de litros, 8,5 milhões, como precisou matéria da prestigiosa *Empire*; um tanque que simular o mar vira a atração mais comentada nos bastidores da nova ação de Cruise. Como destaca a reportagem, antes de cada episódio de hipoxia (ausência de oxigênio no tecido corporal), o astro filmava sequências por dez minutos. "Respiro o meu próprio dióxido de carbono", relatou Cruise, à época das filmagens. A condição da escassez de oxigênio, obviamente afetava os músculos de Cruise. "É preciso superar tudo isso, e estar presente", observou à publicação do Reino Unido.

Garrett Gattrell/Paramount

VIDA VERDADEIRA

Quem olha o calendário, hoje, o 22 de maio, nota um dia especial para o cinema brasileiro. Chega às telas *Ritas*, documentário de Oswaldo Santana e Karen Harley, em torno de Rita Lee. "É uma data muito especial: a data que a Rita escolheu como a data de aniversário dela. Nascida em 31 de dezembro de 1947, ela elegeu o 22 de maio, que é dia de Santa Rita, para ela celebrar no aniversário dela. Isso mostra toda força e rompimento — não existe regras para Rita! Ela mudou a data de aniversário, e foi até decretado pela prefeitura de SP como dia de Rita também. Então, há o poder dela: algo que vem com a verdade",

Divulgação



Rita Lee: **Mania de Você** e **"Ritas"**

observa Oswaldo Santana, codiretor do longa-metragem. No seu primeiro filme como diretor, Oswaldo se valeu da extensa carreira como montador, nos segmentos de ficção e de documentários.

"O processo de decantar as imagens vem de modo natural. Há momentos em que você faz esse garimpo e fica lapidando o material. Tem períodos em que você deixa ele descansar para decantar.

A gente começou o filme em 2018, então foi um longo, com processos. Tudo nos possibilitou testar muitos caminhos, para chegar nesse formato — de narração direta, com a Rita". Impactante, entre os temas que tratam da jornada artística de 60 anos foi a consciência da morte, em 2023. "Foi abrangido de uma forma muito natural pela Rita, a finitude. Ela traz essa sabedoria, coisa que trouxe durante todas as etapas. Ao longo da carreira, ela trouxe muito essa clareza. Esse poder, essa precisão. Algo que está nas letras da música dela. Ela comunica, e de forma tão direta. Eu acho que na tela está a pessoa verdadeira e direta", arremata. (RD)

Entrevista // Oswaldo Santana, codiretor de Ritas

A questão do imbróglão no show de despedida te soou satisfatória, na resolução do filme?

A polêmica desse show de Aracaju, que é conhecido como show de despedida, um dos últimos da Rita Lee: acho que ele só mostra a força, o poder e a verdade que ela teve durante toda e a carreira. Acho que indiferente o último show ou não. Aquilo mostra muito, né? A identidade da proteção de Rita. Foi a polícia que estava reprimindo a plateia. Ela parou o show, e começou a discutir com a polícia. Estou satisfeito na resolução do filme, e acho que o filme não termina ali. Temos algumas sequências depois isso. Quer dizer que se traz um panorama, uma visão geral sobre a vida e até da finitude da vida. Não considero o show como final. Mas estou

muito satisfeito com essa despedida ali. Podemos dizer que seria uma despedida dos palcos, e entrega bem essa visão.

Em que o exotismo contribuía na montagem da persona pública de Rita? Ela tinha que máscaras à mão?

Eu acho que a persona pública da Rita é mais um dos personagens da Rita. Ela se colocava como persona musicista vamos chamar assim... Como uma persona. Então o título *Ritas* vem muito disso. Das várias personas que ela ela viveu, ao longo da vida. Não, necessariamente, em cima dos palcos. Mas nos palcos surgia uma das personas. Porém, até para falar uma coisa difícil, que ela não gostaria de falar, ela se vestiu de um personagem. Quanto a máscaras, acho que ela não as trazia. Eu acho que são máscaras que

ela desveste. Rita tem essa verdade. E é daí que vem também o brilhantismo dela, como atriz. Então, quando ela está interpretando, ou seja, sendo contratada para interpretar, vamos dizer assim, ela exerce de forma brilhante.

Com a finitude, transparecia alguma irritação ou inconformidade nela? E quais limites teve para invadir a privacidade da artista?

Olha, esse período é, como a própria Rita fala, o período Lua dela. O período grisalho. Vamos dizer assim... Ela nunca lidou com algum tipo de irritação ou inconformidade. Ela sempre aceitou tudo. A Rita viveu com muita propriedade do momento. Com propriedade e intensidade: seja na fase loira dos Mutantes, seja na fase ruiva, que permeou grande

parte da carreira dela, a fase Roberto e família, e até na fase final que a gente pode chamar. A fase pós-diagnóstico. Ela vive muita verdade e sem se esconder. O limite para invadir a privacidade do artista existe, mas, talvez, limite não exista no vocabulário da Rita Lee. Então a gente lidou com essa coisa. Eles (a família) foram participativos também, a gente dividia com eles as etapas importantes do filme. Mas não teve nenhum tipo de censura. Como o filme é dito praticamente em primeira pessoa, né? Então a Rita, pelo próprio momento de entregar depoimentos, cria momentos ricos. Já tinham um quê de aprovação. Eu não gosto muito dessa palavra (aprovação) porque não existiu durante esse processo, mas foi assim.

Música

PARA SE ENCANTAR

» NAHIMA MACIEL

O 8º Festival de Ópera na Tela chega ao cinema do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) com algumas das produções mais importantes da temporada europeia de 2024. Realizado há 10 anos no Brasil, o evento reúne um cardápio de produções das grandes casas de ópera que são filmadas e gravadas com sons e imagens de alta qualidade para poderem circular pelo mundo.

Hoje, o festival exhibe *Lakmé*, de Léo Delibes, encenada pela Ópera Comique de Paris em 2024 com a soprano Sabine Devieille, um dos nomes mais celebrados da música lírica francesa, no papel principal. A história se passa na Índia colonial e uma das árias mais conhecidas é o *Dueto das flores*. Amanhã, é a vez de *La Gioconda*, de Amilcare Ponchielli, uma história de amores e traições na Veneza do século 17. A produção do Teatro San Carlo, de Nápoles (Itália), traz a

soprano Anna Netrebko como a Gioconda, nome incontornável da ópera internacional.

No sábado, o clássico *Turandot*, com a orquestra e coro do Teatro Scala de Milão, é uma produção especialmente montada para o ciclo de homenagens a Giacomo Puccini. Fez parte do repertório em 2024 para lembrar a morte do compositor italiano, que morreu antes de compor o terceiro ato. Uma homenagem do público e do elenco marca o filme ao fim do segundo ato. *Tosca e La Bohème*, também de Puccini, estão no programa de domingo. A programação tem ainda *La Rondine*, uma ópera menos conhecida de Puccini, e *La Pêrichole*, de Jacques Offenbach. "A ideia do festival é quebrar essa imagem elitizada da ópera. É triste que a ópera sofra esse preconceito elitista porque, na base, era algo muito popular", lembra Christian Bourdieu, idealizador do festival. "São grandes produções, filmadas com qualidade excepcional."



Cena de **Tosca**, ópera de Giacomo Puccini

Divulgação